

Varia

A Siracusa de Vincenzo Consolo

Fabiano Dalla Bona¹

Resumo: O presente artigo é fruto de uma pesquisa realizada na Itália como Professor Visitante Sênior na Università di Bologna, com recursos do Programa Capes PrInt. O objetivo da discussão é apresentar a ideia de Consolo sobre a Sicília e, especificamente sobre a paisagem urbana de Siracusa, na perspectiva de um intelectual do século XX que quer desconstruir e superar os estereótipos sobre aquela ilha, além de propor uma paisagem alternativa do local, sem prescindir da realidade dos fatos históricos, consciente, no entanto, da dificuldade de tal operação cultural.

Palavras-chave: Siracusa; Vincenzo Consolo; paisagem urbana

Siracusa by Vincenzo Consolo

Abstract: This paper is the result of research carried out in Italy as a Senior Visiting Professor at the Università di Bologna, with resources from the Capes PrInt Program. The purpose of the discussion is to present Consolo's idea about Sicily and, specifically about the urban landscape of Syracuse, from the perspective of a 20th century intellectual who wants to deconstruct and overcome stereotypes about that island, in addition to proposing an alternative landscape of the place, without disregarding the reality of historical facts, aware, however, of the difficulty of such a cultural operation.

Keywords: Siracusa; Vincenzo Consolo; landscape urbanism

Ilha. O arquétipo homérico das ilhas fantásticas, ilhas de violência e engano, de utopias e distopias, de desertos e de silêncios, de linguagens nascentes e herméticas, deslizou por toda a literatura ocidental, passou por todos os grandes poetas e escritores, da Antiguidade até hoje. Não é esse o aspecto que aqui nos interessa: mas o outro, aquele mais importante da Odisseia, desse grande poema da nossa civilização: o arquétipo do *nóstos*, do retorno. Do retorno dos modernos narradores à Sicília. (CONSOLO, 2020, p. 126, tradução nossa)²

¹ Professor de Língua e Literatura Italiana no Departamento de Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor efetivo do Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e do Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Cultura Italianas da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: fdbona@letras.ufrj.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2195-8835>

² Isola. L'archetipo omerico delle isole fantastiche, isole di violenza e inganno, di utopie e distopie, di deserti e di silenzi, di linguaggi sorgivi ed ermetici, è scivolato per tutta la letteratura occidentale, è passato per tutti i grandi poeti e scrittori, dall'antichità fino ad oggi. Non è questo archetipo che qui ci interessa, ma l'altro, quello più importante dell'Odissea, di questo grande poema della nostra civiltà: l'archetipo del *nóstos*, del ritorno. Del ritorno in Sicilia dei narratori moderni.

Ao folhear as páginas de grande número de obras literárias de autores sicilianos, ou daqueles que falam da Sicília, quase que de imediato tem-se uma sensação de desorientação sobre aquilo que se está lendo: é realidade ou pura fantasia? Não importa se aqueles que descrevem a ilha são indígenas ou estrangeiros. A Sicília transforma, constantemente, o mito em história. Não por acaso os sicilianos amam e odeiam a própria ilha de maneira quase mórbida, têm ciúmes dela, mas ao mesmo tempo a ofendem, modernamente, através de uma desordenada política edilícia abusiva e com o problema do descarte do lixo. A paisagem, outrora edênica, transforma-se em infernal. A própria ideia da *propriedade* é acompanhada por um sentimento inconsciente de posse, como um homem que possui ou quer possuir uma mulher, mas sem conseguir domá-la completamente, arroga-se, assim mesmo, o direito de poder violentá-la ou agredi-la.

A Sicília, por séculos, foi imaginada como um lugar quase que ontologicamente resistente a qualquer tipo de mudança. Tantos escritores confirmaram essa representação da ilha, e do Sul da Itália em geral, a partir dos relatos de viajantes estrangeiros durante o período do *Grand Tour*. Após a unificação italiana, ocorrida em 1860, tal concepção está sempre presente na literatura italiana, em autores como Giovanni Verga (1840-1922), Federico De Roberto (1861-1927) ou Leonardo Sciascia (1921-1989), todos sicilianos que, de certa forma, também corroboraram tal discurso.

Nas obras dos citados escritores e de outros ainda, é possível observar aquele conceito pirandelliano – Luigi Pirandello (1867-1936) era também siciliano – de que a força da natureza da ilha, feroz e desenfreada, leva o homem a fechar-se em si mesmo e a isolar-se no local onde vive. Gesualdo Bufalino (1920-1996), mais um siciliano, afirmava que o destino de uma ilha é aquele de

[...] estar sozinha na angústia de seus confins intransponíveis, infeliz e orgulhosa desse destino. De onde vem que seus filhos, apertados todos ao redor do mar, sejam impelidos a se tornar ilhas dentro da ilha e a se fechar no interior da própria solidão,

que eu gostaria, com um vocábulo inexistente, definir “isolitude”.³ (BUFALINO, 2010, p. 67-68, tradução nossa)

Vincenzo Consolo (1933-2012), como tantos outros escritores sicilianos contemporâneos, na sua maioria herdeiros da tradição naturalista/verista, escreve e descreve a sua terra de origem tendo como referência o material autobiográfico relativo à infância e à juventude de habitante de uma ilha. Certo distanciamento material e uma aproximação afetiva parecem provir da já citada relação paradoxal de amor e ódio em relação à terra de origem. Se a distância da terra natal (Consolo transferiu-se para Milão em 1968 onde viveu e atuou até a morte) lhe permitiu um foco mais objetivo sobre a realidade siciliana a partir da clara observação daquilo que acontecia no “continente”, termo utilizado pelos sicilianos quando se referem à Itália; por outro lado, a terra da infância e a sua paisagem, impregnadas de um passado ainda mais remoto e reconstruídas através do fio da memória individual, tornaram-se o espaço da lembrança e da nostalgia, capazes de se tornar um termo de comparação para revelar a violência do tempo e as transformações que devastam o mundo, e em especial a sua paisagem.

A ideia de Consolo sobre a Sicília é aquela de um escritor contemporâneo, de um intelectual do século XX que quer desconstruir e superar os estereótipos sobre aquela ilha, além de propor uma paisagem alternativa da Sicília, sem prescindir da realidade dos fatos históricos, consciente, no entanto, da dificuldade de tal operação cultural. De fato, ele ressignifica alguns dos *topoi* sobre o Sul da Itália e sobre a sua ilha, da mesma forma que são encontrados nos relatos de viajantes setecentistas, embora dentro de um universo da escrita expressiva, altamente comunicativa e que abandona as imagens fixas e estáticas de uma Sicília homogênea, herdeira direta de uma cultura clássica da Magna Grécia, de terra incontaminada e paradisíaca, imagem clássica de *locus amoenus*.

³ [...] essere sola nell’angoscia dei suoi invalicabili confini, infelice e orgogliosa di questo destino. Donde viene che i suoi figli, stretti tutt’intorno dal mare, siano spinti a farsi isole dentro l’isola e a chiudersi all’interno dentro la propria solitudine, che vorrei con un vocabolo inesistente definire “isolitudine”.

Demonstrando a questão em imagens, sem dúvida existem os templos e anfiteatros gregos, os oásis escondidos nos vales e nas montanhas e os paraísos naturais, mas a Sicília enfrenta igualmente os horrores e a violência do abuso de poder dos mafiosos e de uma política corrupta. Sublinha-se, desta forma, a possibilidade de uma crítica social através de uma escrita densa de carga eversiva que oferece *representações da paisagem* alternativas, articuladas, que restituem a complexidade de uma paisagem, natural, humana e cultural, além de uma memória histórica rica e para além dos estereótipos. É um desafio difícil de ser vencido, e mesmo de ser enfrentado, pois as representações da paisagem e os lugares comuns estão radicados nos homens, foram sendo assentados ao longo do tempo e emergem nos discursos involuntariamente.

Mesmo tendo vivido grande parte da vida em Milão, como já acenado, Consolo é sempre um siciliano *doc*, pois como afirmou Enzo Papa (2003, p. 179-180) “[...] permanece-se sempre siciliano onde quer que se vá; uma indelével, ineliminável condição interior que muitos, sicilianos e não sicilianos, tentaram definir e compreender, cada um a seu modo, frequentemente não conseguindo evitar os lugares comuns.”⁴

Metáfora de alta densidade, a Sicília de Consolo oscila entre a contemplação de um lugar que poderia ter conciliado a beleza histórica e natural, o desejo e o conhecimento espalhados entre retalhos de idílio, da prefiguração da utopia e a constatação dolorosa e indignada do horror real, entre a violência mafiosa e especulação imobiliária abusiva, numa consequente degradação de valores e destruição da paisagem.

Definida por Cícero como a maior e mais bonita das cidades gregas (*In Verrem*, II, 4, 117), pátria de Arquimedes e de Santa Luzia, foi declarada Patrimônio da UNESCO em 2005, exatamente porque é uma terra de belezas naturais, arquitetônicas, artísticas e arqueológicas. A cidade do mito surge do lado oriental da ilha, cujo primeiro núcleo, edificado pelos colonos coríntios em 734 a.C., na ilha de Ortigia, tornou-se ponto de referência econômico, cultural e político da então Magna Grécia. O núcleo inicial, afirmando-se como uma

⁴ [...] si resta per sempre siciliani, ovunque si vada: un indelebile, ineliminabile condizione interiore che tanti, siciliani e non siciliani, hanno cercato, ciascuno a suo modo, di definire e di comprendere non riuscendo spesso ad evitare i luoghi comuni.

potência no Mediterrâneo, gradualmente estendeu-se parra a terra firme. Ponto de encontro de diferentes civilizações (romanos, bizantinos, árabes, normandos, suábios, aragoneses, espanhóis e soberanos bourbônicos), de todos esses povos e culturas há notas significativas que marcam a superfície da cidade, um conjunto de características que refletem e acolhem as diferentes culturas dos povos de antanho na identidade cultural local de hoje, permanecendo, no fundo, uma cidade grega.

“As cidades têm um nome, mas também têm uma cor, um sexo e uma idade.” (CONSOLO, 2020, p. 236, tradução nossa)⁵ Eis o *incipit* do capítulo “Palermo città bellissima e disfatta” (Palermo cidade belíssima e desfeita) presente na obra *Di qua dal faro* (Para cá do farol), uma coletânea de prefácios, artigos e conferências que englobam a produção do período entre 1979 e 1999 e publicada em volume único em 1999.

Seguindo a sua indicação de que as cidades possuem um sexo, para Consolo Siracusa é uma mulher, simbolizada pela escultura da Vênus Anadiomene (ou Landolina), aquela mesma Vênus que encantou Guy de Maupassant quando de sua viagem à Sicília no século XIX.

[...] é a mulher tal como ela é, tal como a amamos, tal como a desejamos, tal como queremos abraçá-la. Ela é gorda, com um peito forte, um quadril poderoso e uma perna pesada; é uma Vênus carnal, que sonhamos deitada quando a vemos em pé [...]. E o mármore está vivo. Gostaríamos de apalpá-lo, com a certeza de que ele vai ceder sob a mão, como carne [...]. Uma obra de arte é superior apenas se for, ao mesmo tempo, um símbolo e a expressão exata de uma realidade. A Vênus de Siracusa é uma mulher, e é também o símbolo da carne [...], uma verdadeira mulher em carne e osso, com suas qualidades de mulher, seus defeitos de mulher, seu espírito de mulher restrito e encantador, seus nervos de mulher e sua feminilidade perturbadora [...]. A Vênus de Siracusa é a expressão perfeita dessa beleza poderosa, saudável e simples [...]. É um corpo de mulher que expressa toda a real poesia da carícia. (MAUPASSANT, 2014, p. 138, tradução nossa)⁶

⁵ Hanno un nome, le città, ma hanno anche un colore, un sesso e un'età.

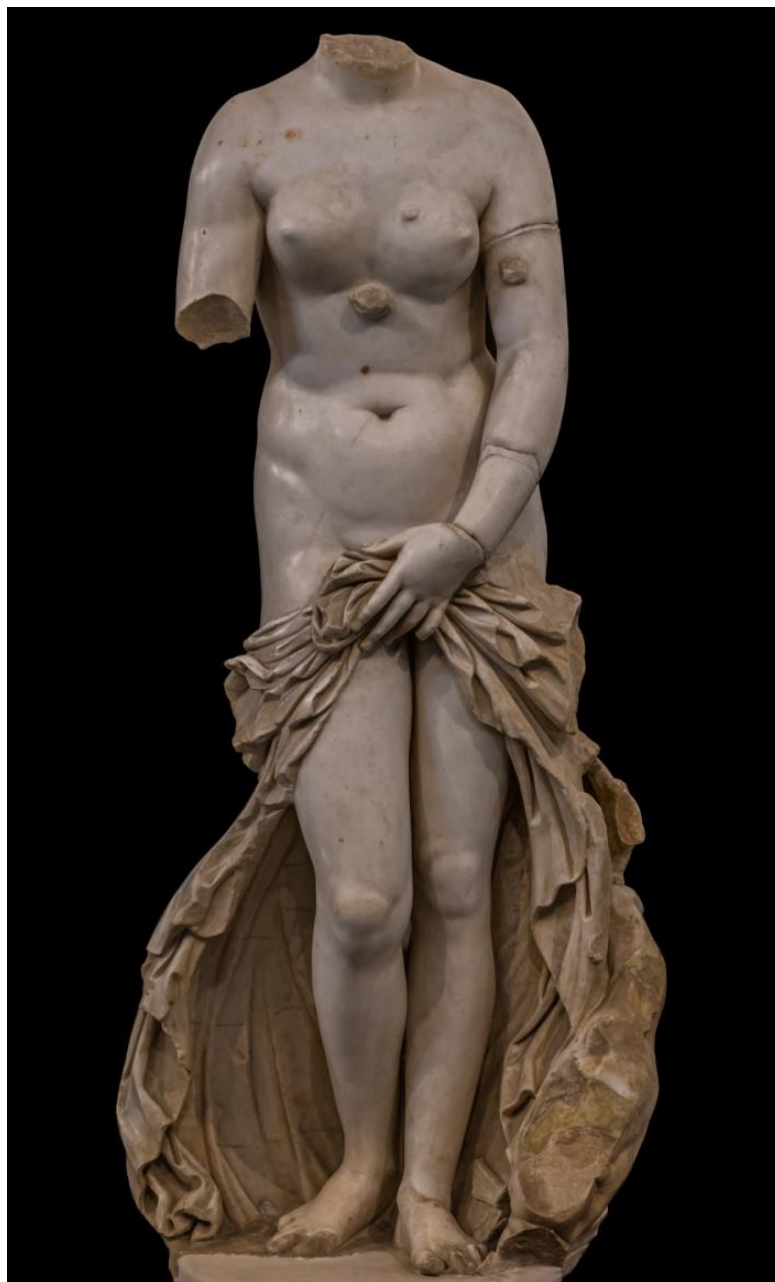
⁶ [...] c'est la femme telle qu'elle est, telle qu'on l'aime, telle qu'on la désire, telle qu'on la veut étreindre. Elle est grasse, avec la poitrine forte, la hanche puissante et la jambe un peu lourde, c'est une Vénus charnelle, qu'on rêve couchée en la voyant debout [...]. Et le marbre est vivant. On le voudrait palper, avec la certitude qu'il cédera sous la main, comme de la chair [...]. Une oeuvre d'art n'est supérieure que si elle est, en même temps, un symbole et l'expression exacte

Também foi citada por De Roberto no romance *Gli amori* (Os amores) de 1898:

No Museu nacional de Siracusa há uma maravilhosa peça de escultura grega uma estátua de Vênus defronte à qual se fica repleto de estupor e de quase respeito religioso. [...] Mas por sorte minha, um grande escritor francês que amou, como os insípidos filhos da Inglaterra, girar o mundo, descreveu com mãos de mestre a estátua da Deusa. Referindo-lhe a pagina de Maupassant, eu evitarei que o senhor me acuse de mania descritiva e economizo para mim mesmo uma prova da qual sinto todo o perigo. De fato, como as minhas palavras poderiam exprimir a sublime beleza do mármore grego? (DE ROBERTO, 1898, p. 105-108, tradução nossa)⁷

d'une réalité. La Vénus de Syracuse est une femme, et c'est aussi le symbole de la chair [...], une vraie femme en chair et en os, avec ses qualités de femme, ses défauts de femme, son esprit de femme restreint et charmant, ses nerfs de femme et sa troublante femellerie [...] La Vénus de Syracuse est la parfaite expression de cette beauté puissante, saine et simple [...]. C'est un corps de femme qui exprime toute la poésie réelle de la caresse.

⁷ C'è nel Museo nazionale di Siracusa un meraviglioso pezzo di scultura greca: una statua di Venere, dinanzi alla quale si resta compresi di stupore e quasi di religioso rispetto. [...] Ma, per fortuna mia, un grande scrittore francese che amò, come gli scialbi figli dell'Inghilterra, girare per il mondo, descrisse con mano maestra la statua della Dea. Riferendole la pagina del Maupassant io eviterò che ella mi accusi di mania descrittiva e mi risparmierò una prova della quale sento tutto il pericolo. Come potrebbero infatti le mie parole esprimere la sublime bellezza del marmo greco?



Vênus Landolina – Museo Archeologico Regionale Paolo Orsi, Siracusa.
Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/46/Venus_Landolina.jpg
(imagem livre de direitos autorais)

A Siracusa de Consolo, precocemente descoberta em 1950 durante uma visita escolar, é, portanto, lugar de luz que se corporeifica na imagem de uma mulher na qual conflui a imagem dessa Vênus, divindade do mito, Aretusa, Atenas, Afrodite, Artemísia, Kore, Santa Luzia, e qualquer outro semblante feminino. Do profano ao sacro, a imagem de mulher em *Di qua dal faro* é a de sua santa protetora:

[...] o mundo de tufo cor de mel da cristalina claridade oriental, da fantasia e da graça, ate ó centro da ilha de Ortigia, até a área sagrada, ao espaço em forma de olho, até a praça da cathedral de Siracusa, onde reina a senhora da luz e da visão: Santa Luzia. A santa Sibila das mensagens visuais, da pacata luz de velas, está no antro onde estão ornadas de gemas, em triunfo barroco de muros cristãos, gregas colunas de pura geometria, onde está incrustado o antigo templo de Atenas, a deusa do óleo, da oliveira, da luz, da inteligência. (CONSOLO, 2020, p. 101-102)⁸

A luz de uma claridade oriental é também resultado do revérbero das pedras de calcário e tufo locais empregadas na arquitetura da cidade. A cidade feminina é representada pela patrona martirizada por Diocleciano e invocada como protetora da visão e que dá nome à praça barroca da cathedral. E acrescenta:

A branca Siracusa de hoje se pode representar, simbolizar na hierática imagem, fulgurante de prata e ouro, surreal e cruel como um sonho pela faca enfiada na garganta, pelos olhos em mostra sobre uma patena, na estátua de Santa Luzia. Sai para a sua festa a Virgem branca, a Fòtina, a Lucífera, rígida em seu corpo de prata, alta sobre a prata do andor, sai na elipse do espaço, no espaço do olho desmesurado, no barroco anfiteatro onde se abre a Abadia em seu nome edificada. Detrás da redonda grade da torre, cândidas freirinhas de clausura soltam no azul codornas, pombas, rolas, pássaros de toda espécie. O bater de asas, o voo é em lembrança de pombas que no tempo da fome, da carestia vieram dizer, com o grão dentro do bico, que um grande milagre fora operado no porto, haviam chegado os barcos como trigo. (CONSOLO, 2020, p. 102)⁹

⁸ [...] mondo di tufo color di miele della cristallina chiarià orientale, della fantasia e della grazia, fino al centro dell'isola d'Ortigia, all'area sacra, allo spazio a forma d'occhio, alla piazza del duomo di Siracusa, dove regna la signora della luce e della vista: Santa Lucia. Sta la santa Sibilla dei messaggi visivi, della pacata luce di candela, nell'antro dove sono ingemmate, in trionfo barocco di mura cristiane, greche colonne di pura geometria, dove è incastonato l'antico tempio di Atena, la dea dell'olio, dell'ulivo, della luce dell'intelligenza.

⁹ La bianca Siracusa d'oggi si può raffigurare, simboleggiare nella ieratica immagine, sfolgorante d'argento e oro, surreale o crudele come un sogno per il coltello infisso nella gola, per gli occhi in mostra sopra una patena, nella statua di Santa Lucia. Esce per la sua festa la Vergine bianca, la Fòtina, la Lucifera, rigida nel corpo suo d'argento, alta sopra l'argento della cassa, esce nell'ellisse dello spazio, nello spazio dell'occhio smisurato, nel barroco anfiteatro dove s'affaccia anche la Badia nel nome suo edificata. Da dietro la tonda grata dell'altana, candide monachelle in clausura liberano nell'azzurro quaglie, colombe, tortore, uccelli d'ogni specie. Il frullo d'ali, il volo è in ricordo di colombe che al tempo della fame, della carestia, vennero a dire, col chicco dentro il becco, che al porto s'era compiuto il gran miracolo, erano giunti i vascelli col frumento.

A descrição da catedral siracusana de Santa Luzia em *L'olivo e l'olivastrò* (A oliveira e o zambujeiro¹⁰) indica que na igreja está “[...] incrustado o templo de Atenas, a deusa da oliveira e do óleo, do nutrimento e da luz, da razão e da sabedoria, guia do supérstite, socorro do errante” (CONSOLO, 1994, p. 73)¹¹ O fragmento anterior, portanto, é uma reproposição desse texto publicado em 1994. Ada Bellanova, em recente estudo sobre a representação dos espaços na obra de Consolo, no rastro de textos como *Maps of the imagination: the writer as cartographer*, de Peter Turchi, e com uma preventiva discussão das perspectivas teóricas dos estudos de *spatial turn* (geocrítica, geopoética, geotemática, ecocrítica) e das propostas da narratologia cognitivista, a autora aponta as cartografias (os mapas que orientam as suas explorações e os mapas, reais ou imaginários que ele mesmo constrói), distinguindo preliminarmente características como a natureza palimpsestica (ou, segundo o sugestivo batismo de Daragh O’Connell, palincestuosa), isto é, a ligação intensa com textos anteriores, como no caso acima; também os sinais de sugestões sensoriais ligadas à memória e o papel da História, de uma história experimentada e que pode ser vivida (BELLANOVA, 2021).

Com uma insólita riqueza de referências intertextuais., uma colagem de citações onde entram em jogo os itinerários percorridos por Caravaggio, Guy de Maupassant, Von Platen ¹², do ceroplasta Zummo (ou Zumbo) ¹³, da obra *Dichiarazioni della pianta delle antiche Siracuse*¹⁴ de Vincenzo Mirabella (1570-1624) publicada em 1613, dos versos de Pindaro, de Virgílio, do árabe siciliano Ibn Hamdis e do poeta italiano Giuseppe Ungaretti, Consolo compõe

¹⁰ *Olea europaea L. var. sylvestris*. Fonte: (<http://www.mitra-nature.uevora.pt/Especies-e-habitats/Plantas/Lenhosas/Arbustos-e-Lianas/Oleaceae/Olea-europaea-var.-sylvestris>)

¹¹ [...] incastonato il tempio di Atena, la dea dell’olivo e dell’olio, del nutrimento e della luce, della ragione e della sapienza, guida del reduce, soccorso dell’errante,

¹² August Karl Maximilian Georg Graf von Platen-Hallermünde (1796 – 1835) foi um poeta e dramaturgo alemão morto em Siracusa.

¹³ Gaetano Giulio Zumbo (1656-1701) foi um abade e escultor de cera nascido em Siracusa. (<https://www.treccani.it/enciclopedia/gaetano-giulio-zumbo>)

¹⁴ O título original da obra é *Dichiarazioni della pianta dell'antiche Siracuse, e d'alcune scelte medaglie d'esse, e de' principi che quelle possedettero, descritte da don Vincenzo Mirabella e Alagona caualier siracusano*. Napoli: Lazzaro Scorriggio, 1613. Disponível em: <https://arachne.uni-koeln.de/Tei-Viewer/cgi-bin/teiviewer.php?manifest=BOOK-847435>.

uma verdadeira *Odisseia* contemporânea. É o que descreve em “Réplica eterna” presente na coletânea *La mia isola è Las Vegas* (A minha ilha é Las Vegas):

Levantou-se ao amanhecer, como todos os dias, naquele vinte e nove de abril, e pôs-se novamente a escrever sobre o último ângulo e sobre o último ocaso de Siracusa, da decadência daquela antiga cidade através da narrativa de personagens que estiveram em Ortigia em um momento dramático da vida deles ou na proximidade do fim. A narrativa do desesperado Caravaggio que, fugido de Malta, desembarca em uma Siracusa de terremotos, de carestias e de fome e que pinta, para uma igreja local, o *Sepultamento de Santa Luzia*. [...] A narrativa do ceroplasta Zumbo, que cria cenas de peste e contágios, de montanhas de cadáveres em decomposição, de tumbas de esqueletos e múmias sobre os quais corriam ratos e lagartos, hórridas imagens dos efeitos da sífilis. [...] A narrativa do poeta Von Platen que em uma mísera hospedaria da Via Malfitania acaba os seus dias consumido pelas febres da cólera, pelo vômito e pela diarreia. E de Maupassant que, no museu, tomado defronte à carnal Vênus Anadiomene, iluminada pelos reflexos do mar, guardava no sangue os germes da luz que o teria conduzido à demência, à morte, “*Monsieur Guy de Maupassant va s’animaliser*” teria escrito em um momento de lucidez. (CONSOLO, 2012, p. 182)¹⁵

¹⁵ S'alzò all'alba, come ogni giorno, quel ventinove di aprile, e si rimise a scrivere dell'ultimo scorcio dell'infinito tramonto di Siracusa, della decadenza di quell'antica città attraverso il racconto di personaggi che in Ortigia eran stati in un momento drammatico della loro vita o in prossimità della fine. Il racconto del disperato Caravaggio che, fuggito da Malta, approda in una Siracusa di terremoti, di carestie e di fame e dipinge per una chiesa locale il *Seppellimento di Santa Lucia*. [...] Il racconto del ceroplasta Zumbo, che crea scene di peste e contagi, di cataste di cadaveri in decomposizione, di avelli di scheletri e mummie su cui scorrazzano topi e gechi, orride immagini degli effetti della sifilide . [...] Il racconto del poeta von Platen che in una misera locanda di via Malfitania finisce i suoi giorni consumato dalle febbri del colera, dal vomito e dalla diarreia. E di Maupassant che nel museo, rapito davanti alla carnale Venere Anadiomene, illuminata dai riflessi del mare, covava nel sangue i germi della luce che l'avrebbe portato alla demenza, alla morte. “*Monsieur Guy de Maupassant va s’animaliser*” avrebbe scritto in un momento di lucidità.



Gaetano Zumbo, *A peste* (c. 1690), ceroplastia, Museo della Specola, Florença
Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ceroplastica_Peste_-_Zumbo.jpg.
(imagem livre de direitos autorais)



Caravaggio, *Sepultamento de Santa Luzia* (c. 1608), os.t, Santuário de Santa Lucia al Sepolcro
(Siracusa) Fonte:
[https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Burial_of_Saint_Lucy_by_Caravaggio?uselang=it#/media/File:Burial_of_Saint_Lucy-Caravaggio_\(1608\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Burial_of_Saint_Lucy_by_Caravaggio?uselang=it#/media/File:Burial_of_Saint_Lucy-Caravaggio_(1608).jpg).

(imagem livre de direitos autorais)

Mas a cidade é, paralelamente, ícone do ocaso da civilização, “Argos do sonho e da nostalgia de Ifigênia, um lugar que não existe mais porque perturbado pelos horrores do homicídio.” (CONSOLO, 1994, p.183, tradução nossa)¹⁶ Siracusa é um núcleo de contradições e de *tòpoi*: na sua paisagem dominada, hoje, por um santuário de gosto arquitetônico controverso¹⁷, fruto de lacrimações de estátuas de *madonne*, encontra o seu símbolo mais antigo em bem outra estátua, exatamente naquela Vênus que tanto impressionou Maupassant.

Em *Le pietre di Pantalica (As pedras de Pantalica, 1988)* Consolo lamenta o degrado cultural e ambiental de Siracusa, chamando em causa os símbolos da tragédia euripidiana traduzida por ele e por Dario Del Corno.¹⁸ Ele faz da própria experiência o motor da invenção narrativa: a sua perspectiva pessoal interpreta os espaços e os reinventa no plano literário. Nesse processo Argos relembra um mundo que não existe mais: um universo intacto, em harmonia, cancelado por uma modernidade incivil e desnaturante, e que se tornou um perene labirinto repleto de monstros e perigos, reais e metafóricos, uma Táuride na qual se sacrificam os inocentes.

A evocação da mitologia antiga, um mundo de cultura já desaparecido e contraposto a um presente de ruína, degradado, subalterno às lógicas

¹⁶ Argo del sogno e della nostalgia di Ifigenia, un luogo che non esiste più perché stravolto dall'orrore dall'omicidio.

¹⁷ Trata-se da Basílica de Nossa Senhora das Lágrimas (Madonna delle Lacrime) inaugurada em 1994, projetada pelos arquitetos franceses Michel Andruault e Pierre Parat. Foi construída em celebração a um milagre que ocorreu em 1953 - uma efigie de gesso da Virgem Maria verteu lágrimas. O templo acaba sendo um museu desse momento miraculoso, com o pano que cobria a imagem, o lenço que secou as lágrimas de Maria e até algumas lágrimas cristalizadas. “A forma do Santuário é objeto de várias interpretações. Os arquitetos se propuseram a realizar estruturalmente o conceito e o sentido de elevação da humanidade rumo a Deus. Outros significados atribuídos à sua forma são aqueles de: farol, identificável com Maria que conduz em direção ao porto que é Jesus; tenda dentro da qual a Mãe acolhe os seus filhos para conduzi-los ao Pai; lágrimas que descem do céu.” Ver: <https://www.madonnadellelacrime.it/basilica/>. Popularmente é chamado, também, de espremedor de laranjas.

¹⁸ EURIPIDE. *Ifigenia tra i tauri*. Trad. Vincenzo Consolo e Dario Del Corno. Siracusa: Inda, 1982. A peça foi representada entre 27 de maio e 4 de julho de 1982 no XXVII Ciclo di Spettacoli Classici promovido pelo Istituto Nazionale del Dramma Antico. Ver: <https://www.indafondazione.org/en/ifigenia-fra-i-tauri-di-euripide-2/> *Ifigenia fra i Tauri*, trad. di Vincenzo Consolo e Dario Del Corno, Istituto Nazionale del Dramma Antico - ssici (27 maggio-4 luglio 1982), INDA, Siracusa 1982.

mercantilistas e à violência criminal caracteriza a obra Consolo, na qual os motivos do exílio, da errância, da nostalgia e do *nostos* se evoluem até se tornarem uma amarga constatação de um *nostos* impossível.

É na obra *L'olivo e l'olivastro* que Consolo se dedica a uma análise mais atenta da cidade, também aqui repleta de referências intertextuais e históricas. O protagonista de um dos capítulos da obra é o célebre pintor Michelangelo Merisi, o Caravaggio (1571-1610), que viaja até Siracusa para encontrar o amigo e discípulo Mario Minniti, e o tema central da fecunda trama de civilização se associa ao tema do exílio dos sicilianos de sua própria terra:

O tom sumário e grave, hermético e dolente de Ungaretti eu queria ter, ou todos os tons de inumeráveis poetas para desfazer [...] um canto de nostalgia de um imigrado, por essa cidade da sua e da memória coletiva, a essa pátria de todos que é Siracusa, cada um que conserva a cognição do humano, da civilização mais verdadeira e da cultura. Canto de nostalgia como aquele das companheiras de Ifigênia, escravas na Táuride de pedras e zambujeiros. Pois hoje é essa a nossa condição de exilados em uma terra inhospita, banidos de uma Siracusa humana, da cidade que continuamente se retrai, que derrapa no passado, que se faz Atenas e Argos, Constantinopla e Alexandria, que gira ao redor da história, da poesia que dela move, que para ela vai, de poetas que se chamam Píndaro Simônides Baquilides Virgílio Ovídio Ibn Hamdis exilado em Maiorca. (CONSOLO, 1994, p. 74, tradução nossa)¹⁹

Um *leitmotiv* da obra, e em geral de toda obra consoliana, é o dramático contraste entre a idade de ouro da Sicília e o catastrófico declínio do tempo presente. *A ruína de Siracusa*, para o siciliano, traça a espiral das contradições do Mediterrâneo italiano, lá onde os deuses da beleza trocam de lugar com os deuses do desastre, lá onde está exposta e legível a imbricação da força do mito e da força da modernidade. Cidade “[...] de antiga glória” e que representa “[...]”

¹⁹ Il tono scarno e grave, ermetico e dolente vorrebbe avere d'Ungaretti o tutti i toni degli innumerevoli poeti per sciogliere [...] un canto di nostalgia d'emigrato a questa città della memoria sua e collettiva, a questa patria d'ognuno ch'è Siracusa, ognuno che conserva cognizione dell'umano, della civiltà più vera, della cultura. Canto di nostalgia come quello delle compagne d'Ifigenia, schiave nella Tauride di pietre e d'olivastri. Ché questa è oggi la condizione nostra d'esiliati in una terra inospitale, cacciati da un'umana Siracusa, dalla città che continuamente si ritrae, scivola nel passato, si fa Atene e Argo, Costantinopoli e Alessandria, che ruota attorno alla storia, alla poesia, poesia che da essa muove, ad essa va, di poeti che si chiamano Pindaro Simonide Bacchilide Virgilio Ovidio Ibn Hamdis esule a Majorca.

a história da civilização humana e de seu ocaso” (CONSOLO, 1994, p. 84).²⁰ É uma cidade “[...] tão antiga, tão estratificada, tão carregada de mitos, de história, de memória, o próprio símbolo da memória.” (CONSOLO, 1990, p. 55)²¹

Siracusa, descrita com a habitual técnica do acúmulo “Múltipla cidade, de cinco nomes, de antigo fasto, de potência de inigualável beleza, de reis sábios e de tiranos cegos, de longas pazes e ruinosas guerras, de bárbaros assaltos e saques” (CONSOLO, 1994, p. 83)²², opõe à decadência do presente aos valores da história e da poesia.

Em sua obra, internamente ao discurso literário, os lugares também são imagens de outros lugares e de outras situações. Nomear um deles significa, num efeito magnético, nomear a história de outros locais com destinos análogos, sede de eventos e processos comparáveis, como se a literatura pudesse conhecer um “grande espaço” análogo àquele “grande tempo” da literatura do qual fala Bakhtin, isto é, “É uma concepção de tempo que se aproxima da eternidade secular, um tipo de *saecula saeculorum* da comunicação humana” ou “longa continuidade histórica” (REED, 2014, p.146, tradução nossa)²³

Voltando a *L’olivo e l’olivastro*, texto no qual a voz narrante em terceira pessoa descreve experiências, impressões e balanços da figura de um viajante que, não obstante o anonimato acaba por sobrepor-se à pessoa histórica do autor, percebe-se tal sobreposição:

Odeia a sua ilha terrível, barbárica, a sua terra de massacres, de assassinatos, odeia a sua cidade precipitada na noite, a Europa deserta de razão. Odeia essa Constantinopla saqueada, essa Alexandria queimada, essa Atenas, Tebas, Milão, Orano pisoteadas, essa Messina, Lisboa terremotadas, essa Conca d’Oro²⁴ coberta por um sudário de cimento, o jardim das

²⁰ [...] d’antica gloria [...] la storia dell’umana civiltà e del suo tramonto.

²¹ [...] così antica, così stratificata, così carica di miti, di storia, di memoria, è il simbolo stesso della memoria.

²² Molteplíce città, di cinque nomi, d’antico fasto, di potenza, d’ineguagliabile bellezza, di re sapienti e di tiranni ciechi, di lunghe paci e rovinose guerre [chiasmo], di barbarici assalti e di saccheggi.

²³ “It is a conception of time approaching secular eternity, a kind of *saecula saeculorum* of human communication”; “long historical continuity”.

²⁴ Planície sobre a qual se estende a cidade de Palermo, capital da Sicília.

laranjas ensanguentadas. (CONSOLO, 1994, p. 105-106, tradução nossa).²⁵

Nas narrativas de Consolo ambientadas em anos de uma *sociedade líquida* (BAUMANN, 2000), a paisagem também é marcada pela semântica do vazio e da dessacralização. A paisagem urbana da Sicília consoliana e os seus modos de habitá-la são seus temas de interesse, mas também de uma constante atenção da mídia, principalmente por causa das mudanças que atravessaram esses cenários urbanos nas últimas décadas do século passado (e também do presente) e que dizem respeito, utilizando uma metáfora linguística, seja a gramática que a sintaxe desses espaços de vida. A Siracusa de Consolo é redesenhada por um complexo conjunto de fatores físicos e simbólicos. Os espaços e um uso preciso da língua condensam os movimentos da história. E sobre a questão do espaço na literatura, assim se pronuncia Consolo:

O espaço na literatura é vasto como o mundo, às vezes supera os próprios confins do mundo, torna-se infinito. Devemos, então, obrigatoriamente navegar pelo breve mar, o Mediterrâneo, mover-nos por uma terra exígua, a Itália, dos quais temos maior cognição, todavia com a consciência que esse mar e essa terra não estão separados por oceanos e continentes, que com eles têm relações, a eles e por eles dão e recebem experiência e conhecimento. (CONSOLO, 2020, p. 242)²⁶

E em se tratando de espaços urbanos, é possível falar, portanto, de *paisagem urbana*, embora a paisagem, historicamente, sem foi oposta à cidade. Para as Ciências Humanas é fundamental lembrar a dialética cidade-campo nas suas variadas configurações, da Antiguidade aos nossos dias. O espaço

²⁵ Odis la sua isola terribile, barbarica, la sua terra di massacri, d'assassinio, odia il suo paese piombato nella notte, l'Europa deserta di ragione. Odis questa Costantinopoli saccheggiata, questa Alessandria bruciata quest'Atene, Tebe, Milano, Orano appetate, questa Messina, Lisbona terremotate, questa Conca d'Oro coperta da un sudario di cemento, il giardino delle arance insanguinate.

²⁶ Lo spazio nella letteratura è vasto quanto il mondo, varca a volte i confini stessi del mondo, diventa infinito. Dobbiamo allora giocoforza navigare per il breve mare, il Mediterraneo, muoverci per una esigua terra, l'Italia, dei quali abbiamo maggiore cognizione, con la consapevolezza tuttavia che questo mare e questa terra non sono separati da oceani e continenti, che con essi hanno relazioni, ad essi e da essi danno e ricevono esperienza e conoscenza.

urbano é sempre marcado pelo ritmo das atividades humanas (ASSUNTO, 1994) e a paisagem independe da ação humana sobre a natureza. Para Jakob

Querer identificar muito rapidamente cidade e paisagem implica, ademais, um problema de comparabilidade. A cidade é, por definição, complexa, densa; se estende e se ergue sobre um território diferente daquele sobre o qual se dá a paisagem. Para fazer parte da paisagem ou tornar-se paisagem, a cidade exige por parte do sujeito que olha, um destaque, o compartilhamento visual de um território contemporaneamente urbano e antiurbano. (JAKOB, 2009, p. 130, tradução nossa)²⁷

Convocamos, para tanto, o conceito de *psicogeografia*, a saber, o “Estudo dos efeitos do meio geográfico, conscientemente planejado ou não, que agem diretamente sobre o comportamento afetivo dos indivíduos” (JACQUES, 2003, p. 65).

Para Consolo esse efeito afetivo, em primeiro lugar, é a nostalgia, e nessa sede especificamente, a nostalgia por Siracusa: ele se torna símbolo de todos os viajantes em exílio, um Odisseu da modernidade. Na ampla perspectiva cultural do autor, Siracusa eleva-se como símbolo de cidade europeia no coração do *Mare Nostrum*. São lugares da memória consoliana.

Mas o presente ultrajou e desfigurou esses lugares da memória. O sobrevivente de Siracusa, isto é, o próprio Consolo, para representar a decadência dessa cidade, com uma refinada doutrina, vivificada pelo sincero *pathos*, insere na sua narrativa um passo da *Historia turco-byzantina*²⁸ de Ducas (1400 c.-1462), que escreve um lamento pela queda de Constantinopla. Siracusa e Constantinopla nas duas extremidades do Mediterrâneo: uma devastada pelos modernos bárbaros, outra ocupada pelos turcos.

À guisa de conclusão, o espaço geográfico e antropológico como a concretização do tempo, permanece representado nas obras de Consolo ainda em termos de profundidade e de diferença, ou seja, como espaço poliforme e em

²⁷ Voler identificare troppo rapidamente città e paesaggio implica inoltre un problema di comparabilità. La città è, per definizione, complessa, densa; si distende e si erige su un territorio diverso da quello sul quale si dà il paesaggio. Per far parte del paesaggio o divenire paesaggio, la città esige da parte del soggetto che guarda il distacco, la condivisione visiva di un territorio contemporaneamente urbano e antiurbano.

²⁸ DUCAS. *Historia turco-bizantina 1341-1462*. (Michele Puglia org.) Rimini: Il Cerchio, 2008.

contínua transformação, submetido como é às dinâmicas diacrônicas e sincrônicas de civilização e barbárie.

Na escrita de Consolo a Sicília, a exemplo de seus conterrâneos Giovanni Verga, Luigi Pirandello, Tomasi di Lampedusa e Leonardo Sciascia, é sentida como uma metáfora da Itália e do mundo nos aspectos ligados à sua paisagem. E se a paisagem espelha o vulto da temporalidade, de um tempo que se renova nos homens com o renascer das plantas e na passagem das estações, com a ciclicidade da natureza que retorna à existência humana, inserida ela mesma em um conceito de paisagem onde passado, presente e futuro coincidem, a memória passada já anuncia aquilo que será o futuro.

Referências

ASSUNTO, Rosario. *Il paesaggio e l'estetica*. Palermo: Aesthetica, 1994.

BAUMANN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

BELLANOVA, Ada. *Un eccezionale Baedeker: la rappresentazione degli spazi nell'opera di Vincenzo Consolo*. Sesto San Giovanni: Mimesis, 2021.

BUFALINO, Gesualdo. *Conversazione con Gesualdo Bufalino: "essere o riessere"*. Comiso: Fondazione Gesualdo Bufalino, 2010

CONSOLO, Vincenzo. *Di quà dal faro*. Milano: Mondadori, 2020.

_____. *La mia isola è Las Vegas*. Milano: Mondadori, 2012.

_____. *L'olivo e l'olivastro*. Milano: Mondadori, 1994.

_____. *Fuga dall'Etna: la Sicilia e Milano, la memoria e la storia*. Roma, Donzelli, 1993.

_____. *Le pietre di Pantalica*. Milano: Mondadori, 1988.

CONSOLO, Vincenzo; DE SETA Cesare. Kore risorgente: la Sicilia tra mito e storia. In: LEONE, Giuseppe. *Sicilia teatro del mondo*. Roma, Nuova ERI, 1990, p. 16-114.

DE ROBERTO, Federico. *Gli amori*. Milano: Libreria Editrice Galli, 1898.

JAKOB, Michael. *Il paesaggio*. Bologna: Il Mulino, 2009.

JACQUES, Paola Berenstein. *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

MAUPASSANT, Guy de. *La vie errante*. Saint-Julien-en-Genevois: Arvensa Editions, 2014.

PAPA, Enzo. Ritratti di critici di contemporanei, Vincenzo Consolo. In: *Belfagor*, Rassegna di varia umanità, n. 344. Firenze, Leo S. Olschki, 2003, p. 179-198. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/26150034?read-now=1&seq=16#page_scan_tab_contents.

REED, W. L. *Romantic Literature in Light of Bakhtin*. New York: Bloomsbury, 2014.

Recebido em: 14 de outubro de 2022

Aceito em: 24 de novembro de 2022